

#24 | OUTUBRO | 2011

BETAR & ARTES CINEMAS



Festa do Cinema Francês

*Porque não variar, e ver o que de melhor
se tem feito em França?*



Betar

ENTREVISTA
ARQ.
MANUEL
AIRES MATEUS

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS OLHAR PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt


Betar

Outubro é, possivelmente, o melhor mês para os amantes portugueses da sétima arte, na medida em que 22 dias estão abrangidos por festivais de cinema. Na primeira quinzena há a Festa do Cinema Francês e na segunda o Doclisboa. A Artes&Letras avança-lhe alguns pormenores.

E se o cinema é sublinhado nesta edição, também a vertente musical merece destaque. O dia 1 assinala o Dia Mundial da Música e propostas não faltam na capital e nos arredores. Os festivais Músicas Novas e Sintra Misty são dois exemplos.

Quanto a exposições, optámos por sugerir duas mostras pouco convencionais. Obras contemporâneas africanas e chinesas estão, este mês, patentes em Lisboa.

No teatro, seleccionámos quatro salas com temas muito diversos. As peças em cena são *A Febre*, *Sangue jovem*, *As lágrimas amargas de Petra Von Kant* e *Dramoletes*.

Já no Porto, as propostas culturais são também muito variadas. Saiba tudo na página da Maria João Duarte.

E porque os nossos colaboradores são muitos, continuamos a ter personalidades da arquitectura na nossa secção de entrevistas. Desta vez coube ao Arq. Manuel Aires Mateus responder a algumas questões sobre a sua carreira e a estreita colaboração com o seu irmão.

Não podíamos, ainda, deixar de prestar uma sentida homenagem à Arq. Cristina Salvador, que nos deixou, com quem mantínhamos uma relação profissional e de estima.

JOSÉ PEDRO VENÂNCIO

‘A grande vantagem que há com os irmãos é a total falta de cerimónia, o que nos faz ter discussões violentíssimas e resolver tudo muito rapidamente.’

Arq. Manuel Aires Mateus fala da relação com o irmão.
Por Cátia Teixeira



Cantina da Universidade de Aveiro



Reitoria da Universidade Nova de Lisboa

Os irmãos Mateus tornaram-se os dois arquitectos, trabalharam ambos com Gonçalo Byrne, fundaram um atelier e dão aulas em conjunto. A vossa parceria é perfeita?

Eu comecei a trabalhar com o Gonçalo Byrne tinha 15 anos. E só muito tarde é que deixámos o atelier dele, a quem devemos imenso. Foi o nosso grande mestre. A minha parceria com o meu irmão não é perfeita, funciona, é possível. A grande vantagem que há com os irmãos, que também pode ser uma desvantagem, é a total falta de cerimónia, o que nos faz ter discussões violentíssimas, mas conseguimos discutir tudo. Isso às vezes é bom, dizemos logo o que pensamos, tem funcionado. Tem essa base muito clara, as coisas connosco são muito rápidas, temos discussões muito fortes e conseguimos resolver tudo muito rapidamente.

Dois cabeças pensam mesmo melhor do que uma?

Dois pessoas têm muito mais coragem do que

uma. É a grande vantagem. Este é um trabalho de coragem e resistência, e duas pessoas têm mais resistência que uma. Por exemplo, esta coisa de ensinarmos fora seria muito mais difícil se estivessemos sozinhos. Entre os dois é bastante mais fácil. E também porque as pessoas não estão sempre com a mesma capacidade e na mesma forma, portanto isto de poder partilhar e apoiar é bom. Duas pessoas tornam-se mais operantes.

Que características, de um e de outro, é que mais utilizam no vosso trabalho em equipa?

Nós tínhamos coisas que cada um fazia de uma forma mais evidente, por exemplo, o meu irmão era mais ligado a aspectos práticos do processo construtivo e eu fazia todas as conferências. Não sei porquê, mas distribuíamos assim. O que nos aconteceu, e o facto de trabalharmos em espaços físicos diferentes ajudou bastante, foi que hoje estamos muito mais parecidos, o que é muito positivo. Cada vez mais fazemos os dois a mesma coisa, sem grandes diferenças, o que nos permite ter

um tempo diferente, usamos a nossa relação, basicamente, só para discutir. O meu irmão tem projectos nos quais eu não interiro e vice-versa e temos alguns que fazemos em conjunto. Isto do ponto de vista administrativo, porque na verdade, do ponto de vista prático, fazemos as coisas juntos, mesmo os projectos que não são. A investigação, que é aquilo que nos interessa, é quase sempre conjunta e partilhada.

Sente que a vossa arquitectura tem uma identidade própria, e que o vosso trabalho é logo reconhecido?

Não acredito que haja uma arquitectura nossa. Pensamos sempre que se tem que repensar cada momento. A arquitectura repensa-se constantemente. E nós gostamos de pensar que estamos disponíveis para fazer tudo diferente, a qualquer instante. Assusta-me que a nossa arquitectura possa ser reconhecível. Há pessoas que me dizem que é, mas eu acho que não. Os nossos projectos são muito diferentes uns dos outros. Assusta-me que a nossa



arquitectura possa vir a ser reconhecível, no sentido disso se transformar numa prisão em relação ao trabalho. O reconhecimento da arquitectura tem um lado imagético, que me irrita um pouco, por ser demasiado panfletário. Eu acho que a arquitectura tem a ver com razões muito mais profundas, como a vida e o habitar, do que esse lado da imagem, da moda. A ideia da arquitectura identificada assusta-me porque, às tantas, transforma-nos em escravos de uma imagem. Reconheço que há coisas que estão identificadas mas gostaria de imaginar que a nossa arquitectura consegue sempre deixar na dúvida essa ideia autoral.

O Manuel disse, numa entrevista, que “viverem aterrorizados com a ideia de estarem esgotados”. É cada vez mais difícil ser criativo, depois de tudo o que já fizeram?
Quando acabamos os projectos, reconhecemos neles uma intencionalidade e pensamos que já não vamos conseguir fazer mais nenhum. Há o medo de já não voltarmos a ser criativos. Às vezes pegamos em projectos que têm parte de coisas que já explorámos e sentimos que são frágeis. Os mais fortes são os que têm aspectos únicos, que são pensados de raiz. Às vezes temos o terror de já não sermos capazes, de não termos nenhuma ideia. O que me atormenta, e que há-de acontecer um dia, é já não conseguirmos enfrentar um projecto de uma forma nova e forte. É algo que acontece com os arquitectos e com todos os criadores. Há aquelas excepções dos grandes génios, mas esses são poucos. Queremos poder correr riscos. No dia em que não pudermos correr riscos não temos qualquer hipótese de acertar no projecto, porque temos de fazer coisas que já conhecemos. Vivemos numa luta pela liberdade de poder correr riscos, de sermos criativos. É aí que os



Lar de acamados de Grândola

projectos são verdadeiramente interessantes. E a possibilidade de estarmos esgotados é um medo claro, a cada dia.

Há críticas quanto à habitabilidade das vossas casas. O que é que não admite que digam do vosso trabalho?

A única coisa que me importa, quando nos criticam, é que se compreenda o esforço que está envolvido. A partir daqui, as críticas são interessantes e positivas, muitas vezes ajudam-nos. Lembro-me de alguém dizer, numa exposição que fizemos no CCB, que a casa de Azeitão, aquela que tem os cubos suspensos, seria uma loucura de construir. Não se apercebeu que estava a falar de uma casa construída. O que acontece nessa casa, que eu visito porque sou amigo dos donos, é que é muito fácil de habitar. As pessoas dormem em camas, sentam-se em cadeiras... As coisas são relativamente banais e as nossas casas são desenhadas para esse grau de banalidade que tem a vida. Ter casas com espacialidades fortes tem uma interferência positiva na forma de habitar. Uma das características que temos nas nossas casas é exactamente essa facilidade e esse prazer pela forma como se habita. Nós vivemos muito em função disso. A nossa arquitectura centra o projecto na ideia do uso, na relação da pessoa com o espaço. Portanto as críticas à habitabilidade são, um pouco, desconhecedoras.

Este mês a Artes&Letras sugere duas mostras pouco convencionais. O destaque passa pela arte contemporânea africana e chinesa. Saia da rotina e alargue os seus horizontes.

INFLUX CONTEMPORARY ART

O Sul é o novo Norte: Arte contemporânea africana

Até 29 de Outubro

Hoje em dia, juntamente com a arte asiática ou a sul-americana, a arte contemporânea africana está na moda. Os africanos começaram a olhar para a sua arte como símbolo de status e como forma de investimento. A maior circulação e crescente visibilidade contribuíram definitivamente para colocar os artistas africanos no mapa da arte contemporânea.

Mas de onde surgiu tudo isto? É a arte contemporânea africana um fenómeno recente? Incidindo essencialmente entre o período de 1990 a 2010, O Sul é o novo Norte pretende suscitar a discussão e mostrar que, embora quase completamente desconhecida em Portugal, a arte contemporânea africana tem sofrido uma evolução significativa desde (pelos menos) a década de 90. Esta será, certamente, uma excelente forma de aprimorar a nossa cultura artística.



MUSEU DO ORIENTE

Olhem para nós! A nova geração de artistas chineses

Até 30 de Outubro

A China, um país onde a tradição e a modernidade coexistem, está em rápido processo de desenvolvimento, atraindo a atenção do mundo inteiro. Este é hoje um país cheio de vitalidade e é nesse contexto que surgem algumas questões: Estará a geração de jovens artistas chineses preparada para enfrentar as novas oportunidades e desafios? Será que o crescimento do país os inspira a repensar a estética tradicional? Esta mostra apresenta várias obras de artistas chineses contemporâneos, nas áreas da pintura, escultura, fotografia, vídeo e instalação. Os trabalhos expostos testemunham o modo como esta geração está a lidar com as rápidas transformações do país, tentando explorar novos horizontes. A estratégia que está na base dos trabalhos revela uma autodeterminação que, dificilmente, poderemos explicar através do nosso entendimento da arte tradicional chinesa.

Outubro é o mês do cinema em Lisboa!
Para além das estreias habituais, conte com
o Doclisboa e a Festa do Cinema Francês.

NO GRANDE ECRÃ

Cisne

O cruzamento
de dois mundos

De Teresa Villaverde
Com Beatriz Batarda,
Miguel Nunes, Israel Pi-
menta, Sérgio Fernandes
Portugal, 2011, 103min,
Drama, M/12

Em vinte anos, Teresa Villanova apresentou seis filmes.

Cisne relata a história de Vera, uma cantora (Beatriz Batarda), em tournée por Lisboa. Mostra-nos a sua ligação a um apartamento na capital. A casa serve quase só para escrever cartas ao namorado. Cartas longas e diárias. Sam, o homem que ela ama, compreende-a, à distância, através da escrita.

O que se conta no parágrafo anterior parece não ter suporte para fazer um filme, mas acrescenta-se-lhe um jovem órfão que procura os pais, e a trama constrói-se brilhantemente.

O resultado disto é um filme muito interessante, contado de forma não linear, onde a representação de Beatriz Batarda é notável. Saliente-se, num pequeno à parte, que a sua beleza não deixa de ajudar muito a personagem.

Notável é, também, o último plano do filme com “as crianças” no ecrã.

Meia Noite em Paris

Um regresso
à Belle Époque

Título original: Midnight
in Paris
De Woody Allen
Com Carla Bruni, Owen
Wilson, Rachel McAdams
EUA, 2011, 94min, Comédia,
M/12

Meia noite em Paris é mais um magnífico filme de Woody Allen. Para o tornar claro é, para muitos, o melhor filme do realizador desde Match Point, equiparável apenas ao lendário Rosa púrpura do Cairo, de 1985, com o qual partilha o mesmo espírito.

No início da história, ficamos com a sensação de que se trata de um filme temático sobre a capital francesa. A verdade é que, apesar de acabar por ser isso mesmo, Meia noite em Paris, é mais uma visão de Paris e dos parisienses. Uma visão dos anos vinte que se vai aproximando da Paris contemporânea, ou da Paris de sempre. Uma história louca onde Gil de cruza com Scott Fitzgerald, Hemingway, Dali e Picasso, o que o faz querer ficar naquela idade de ouro da cidade, e da arte e da cultura, para sempre. Meia-Noite em Paris é uma inteligente comédia romântica, é uma carta de amor à cidade-luz.



festivais

DE 6 A 16 DE OUTUBRO

Festa do Cinema
FrancêsCinema São Jorge, na Cinemateca
e no Institut Français du Portugal

A 12ª edição da Festa do Cinema Francês vai decorrer em Lisboa, Almada, Porto, Guimarães, Faro e Coimbra. Inaugura na capital, onde será apresentado, em antestreia, o que de melhor e de mais recente se produziu em França, com a presença de artistas convidados. Este ano, o público português será presenteado com filmes que ainda não estrearam em França, como é o caso de The Artist, de Michel Hazanavicius, Le voyage dans la lune, de Georges Méliès, La source des femmes, de Radu Mihaileanu, Demain, de Christine Laurent e Tous au Larzac, de Christian Rouaud. Anouk Aimée, que filmou com alguns dos maiores realizadores mundiais, será homenageada na Cinemateca Portuguesa, onde serão exibidos 16 filmes, e outra reconhecida atriz francesa, Carole Bouquet, seleccionou cinco filmes, que marcaram a sua carreira, para também serem apresentados durante o festival. Todas as informações em www.festadocinemafrances.com.



DE 20 A 30 DE OUTUBRO

Doclisboa IX

Culturgest, Cinema São Jorge, Cinemateca, Cinema Londres

O doclisboa apresenta, todos os anos, os melhores documentários da última temporada. Durante 11 dias, rodam na capital, em antestreia, documentários portugueses e internacionais, curtas e longas-metragens, presentes em várias competições. As masterclasses do festival são públicas e gratuitas e existem encontros informais com os realizadores. Este ano, cinco décadas após o início da luta armada dos povos colonizados por Portugal, faz-se uma retrospectiva histórica de filmes sobre as guerras das colónias portuguesas em África. Um resgate de obras filmadas junto dos Movimentos de Libertação, cuja raridade promete reflexão e emoção. Jean Rouch, cineasta que influenciou o cinema moderno, será homenageado com uma mostra que promete ser a maior retrospectiva do autor, realizada no país. Outra retrospectiva será dedicada a Harun Farocki, um dos mais conceituados realizadores contemporâneos da Alemanha.



Para celebrar uma forma de expressão artística transversal a todos os povos do mundo, o dia 1 de Outubro foi instituído como Dia Mundial da Música. Eis a nossa homenagem à música.



Sintra Misty

Entre os dias 13 e 23, no Centro Cultural Olga Cadaval

A edição deste ano do Sintra Misty trará novos projectos, tanto nacionais como internacionais. Haverá ainda uma mostra de cinema dedicada à música e uma série de outras iniciativas pensadas para, uma vez mais, colocar a música no centro das atenções. Sara Tavares, Stuart Staples, John Grant e The Legendary Tiger Man são alguns dos artistas presentes.



Pets de Olga Roriz

Dias 7, 8 e 9, no Teatro Camões

DANÇA

O universo psicológico do ser humano é o tema de inspiração mais frequente de Olga Roriz. Pets é um espectáculo onde se observa o inatingível. O privado e o público. A rotina e os hábitos. A solidão. A azáfama e a inércia. O jogo de poderes. A sedução. O desejo. A dependência. A falsa privacidade. O engano. Homens e mulheres auto domesticados. Selvagens. Um espaço interior. A vivência possível.



Músicas Novas

Dias 7, 8 e 15, no São Luiz

FESTIVAL

Neste festival, o São Luiz procura apresentar músicas novas. Luís Araújo é convidado a partilhar algumas das suas urgências musicais, algures entre a pop e a folk. Depois, a nova música paulista, com Mariana Aydar, Tulipa Ruiz, Thiago Pethit e Raf Vilar, que têm contribuído para a renovação da paisagem musical brasileira, viajando entre a pop, a folk ou o jazz.



Vijay Iyer Trio

Dia 14, às 21h30, na Culturgest

JAZZ

Vijay Iyer Trio é uma banda de vanguarda que actualiza o clássico trio de jazz. Iyer ao piano, Marcus Gilmore na bateria e Stephan Crump no contrabaixo, criam uma nova e poderosa música firmemente ancorada no groove e na batida regular e, ao mesmo tempo, muito interactiva e com uma estrutura rítmica complexa. Uma música fluentemente improvisada, todavia misteriosamente sincronizada.



Concertos em Outubro

por António Cabral

Neste Outubro há muitos concertos e óperas de grande qualidade. Só indicaremos os imperdíveis (e são muitos).

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

7 às 19 horas (Grande Auditório)

Orquestra Metropolitana de Lisboa; Dir. Cesário Costa; Bruno Borralhinho (vlc.) e Pedro Ribeiro (obóe). Danças Romenas de Bela Bartok; concerto para violoncelo e orquestra de Joly Braga Santos; concerto para oboé e orquestra de Ricardo Strauss

9/11/12/16/17 às 19 horas (Grande Auditório)

O Quarteto Borodin interpreta a integral dos quinze quartetos de Dimitri Shostakovich (1906/1975)

13, 20 e 27 às 21 horas e 14, 21 e 28 às 19 horas (Grande Auditório)

Orquestra Gulbenkian, Dir. Lawrence Foster, interpreta, nesta série de três programas, a três últimas sinfonias de Tchaikowsky (nº 4, nº 5 e a nº 6, Patética); cada programa é completado com pequenas composições de Glinka e com três concertos de compositores russos do Sec. XX: Concerto nº 2 para violoncelo e orquestra Op. 126 de D. Shostakovich (Sol Gabatta/violoncelo), concerto nº 5 para piano e orquestra Op. 55 de S. Prokofiev (Alexei Volodin/Piano) e concerto nº 1 para violino e orquestra de Nikolay Roslavets (1881/1944) (Alina Ibragimova/violino).

18 às 21 horas (Grande Auditório)

O grande pianista russo Arcadi Volodos num programa romântico com duas das suas mais características sonatas: Schubert (Sonata nº 16 D.784) e Liszt (sonata em si menor). 24 às 21 horas (Grande Auditório) Philharmonia Orchestra; Dir. Esa Pekka Sa-

lonen; M. Bruggergosman (s.) e John Tomlinson (t.) No programa a “Sinfonietta” de Leos Janacek e a ópera em um acto “O Castelo do Barba Azul” de Bela Bartok (legendas em português). Trata-se de um espectáculo enenado e multimédia desta importante obra do compositor húngaro.

18 às 18 horas e 29 às 18 horas (Grande Auditório)

Rammissões da temporada de ópera do MET (Nova-York). Projecção HD em grande ecrã (legendas em inglês). No dia 18 não perder a ópera “Anna Bolleña” de G. Donizetti com Anna Netrebko (s.) e Elina Garranca (m.s.). No dia 29 a ópera “Dom João” de W.A.Mozart.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

8, 11, 13, 15, 18, 20 às 20 horas e 23 às 16 horas

“Don Carlo” de G.Verdi. Esta é, na minha opinião, uma das melhores óperas de Verdi. É baseada na peça homóloga de Schiller. Dos intérpretes estrangeiros esperemos que sejam bons porque a ópera o exige. Dos portugueses destacamos Elisabete Matos (a nossa única cantora com estatuto internacional). Maestro Martin André e encenação de Stephen Langridge.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

12 às 21 horas Grande Auditório

Académie Baroque Européenne D’Ambronay; Dir. Sigiswald Kuijken. No programa a “Missa em si menor, BWV 232”, uma das obras emblemáticas de Johann Sebastian Bach. Como os intérpretes são de qualidade extra, será seguramente um bom concerto

29/19 às 19.0 horas (Pequeno Auditório)

O pianista Louis Lortie interpreta, neste ano dedicado a Liszt, a versão integral dos “Années de pèlerinage”.

Não é novidade para ninguém que o teatro é uma forma de expressão da realidade. As peças abaixo apresentadas sugerem temas muito diversos. Procure o que mais o identifica.



A Febre

Um homem de classe média nova-iorquina viaja para um país pobre e em plena guerra civil. Longe da sua vida confortável e subitamente doente no seu quarto de hotel, é possuído por um coro interior de vozes contraditórias: sonhos de conforto, imagens de violência física e económica, acusações de indiferença e argumentos impiedosos a favor da opressão. A questão central: Como viver num mundo como este? O encenador explica que se trata de “um texto com uma maravilhosa dualidade que nos questiona: o que fazemos depois de dizer todas estas palavras, o que é que fazemos depois de as ouvir, e como poderemos nós, público, continuar a ignorar a cadeia interminável de acções em que estamos inseridos, em que cada gesto feito tem consequência na vida de toda a comunidade, no frágil equilíbrio de todo o universo?”

Teatro São Luiz

Preço: Entre €10 e €20

Data: De 19 a 21 de Outubro

Encenação: Marcos Barbosa

Interpretação: João Reis



Sangue Jovem

Sigrid, uma mulher só na casa dos 60, sente-se envelhecer. A sua relação com duas amigas de escola é hoje vivida como uma prisão. A reunião anual entre as três mulheres tornou-se num ritual insuportável para Sigrid, que a cada reencontro retoma o confronto entre as feridas antigas e as dores de um presente cada vez mais violento. Este ano, Sigrid desafia um jovem actor chamado Allan, para se fazer passar por seu amante. Allan deixa-se envolver pelo mistério e aceita a proposta. Perante a notícia da doença de Bet, Sigrid hesita em levar o plano a avante mas Allan insiste. Na peça, Peter Asmussen lança um olhar dissecante sobre a vida de três sexagenárias, que perante a inevitabilidade do envelhecimento, da doença e da solidão, procuram uma identidade na qual se reconheçam.

Teatro da Trindade

Preço: Entre €10 e €15

Data: De 6 a 16 de Outubro

Encenação: Beatriz Batarda

Interpretação: Elisa Lisboa, Lídia Franco, Teresa Faria e Romeu Costa



As Lágrimas amargas de Petra Von Kant

40 anos depois da sua estreia em Dramstadt, a escolha desta peça acontece pela vontade de retirá-la dos anos 70, onde foi fixada pelo cinema, e revê-la, quarenta anos depois, numa sociedade talvez diferente ou talvez igual. É essa a primeira motivação: testar, ainda que sem uma certeza final, as mudanças e, sobretudo, a profundidade dessas mesmas mudanças. A obra de Fassbinder tem sido rotulada de melodramática (no melhor dos sentidos). O género fortemente emocional foi o que lhe permitiu impor temas ousados e violentos a um público que sabia estar a provocar. Aliás, é nessa simbiose entre um melodrama e um distanciamento quase brechtiano (através de, por exemplo, a estilização da interpretação ou a frieza dos ambientes), que o seu teatro tem sido muitas vezes entendido.

Teatro Nacional Dona Maria II

Preço: €12

Data: Até 6 de Novembro

Encenação: António Ferreira

Interpretação: Cláudia Carvalho, Custódia Gallego, Diana Costa e Silva, Inês Castel-Branco, Isabel Ruth e Paula Mora



Dramoletes I e II

Segundo Fernando Mora Ramos, “dramoletes são uma mistura de drama com omeleta”. As peças contam, de modo breve e incisivo, como, nos anos 80, uma certa população alemã (e europeia) reagiu negativamente aquando da mobilidade social, da emigração e dos supostos desmandos dos estudantes, e chegou a procurar uma ordem, que a história negou, no regresso ao poder nazi. Certas pessoas pediam a reinstauração de uma ordem assassina e violenta, uma ordem ao estilo dos campos de concentração, uma ordem nazi. O texto é de Thomas Bernhard, um dos mais importantes escritores de língua alemã da segunda metade do século XX. O polémico escritor austríaco manteve uma relação de amor e ódio com a Áustria, à qual apontava a persistência, no pós-guerra, de um ressentimento anti-semita.

Teatro de Almada

Preço: €12

Data: De 12 a 15 e de 19 a 23 de Outubro

Encenação: Fernando Mora Ramos

Interpretação: Carlos Borges, Elisabete Piecho, Isabel Lopes, Migue Araújo e Victor Santos

Outubro já não é um mês de férias por excelência. Mas se tiver uns dias de lazer, aproveite para dar um salto lá fora e apreciar uma boa mostra de arte.



Museu Picasso, Barcelona

Picasso: Devorar Paris (1900 a 1907)

Até 16 de Outubro

Esta exposição mostra a evolução de Picasso desde que chegou a Paris, em 1900, onde atingiu o status de líder da vanguarda da capital francesa. O contacto directo com obras de artistas como Van Gogh, Gauguin, Rodin, entre outros, permitiu-lhe descobrir novas técnicas de pintura. Embora tenha sido acusado, pelos críticos, de imitar o trabalho de artistas que tinham impressionado em Paris, Picasso nunca foi um imitador. Usou as inovações dos seus contemporâneos, bem como a história da arte, para forjar um estilo pessoal.

Tate Liverpool

René Magritte: O Princípio do Prazer

Até 16 de Outubro

René Magritte é um dos artistas mais populares e respeitados do século XX, mas há dez anos que o Reino Unido não recebe uma exposição do surrealista belga. Esta mostra pretende destacar os aspectos menos explorados da obra de Magritte, centrando-se nos seus primeiros trabalhos comerciais, em obras de desenho e colagens, no tema do erotismo e em fotografias raramente vistas. Expostas estarão mais de cem peças que apresentam a relação do autor com a literatura do mercado de massas e a cultura popular.



Musée d'Orsay, Paris

Prazer, beleza e moralidade na Inglaterra de Oscar Wilde

Até 15 de Janeiro

Na segunda metade do século XIX, pintores, poetas, designers e criadores, em Inglaterra, definiram um novo conceito de arte a partir dos princípios da ordem e da moralidade, sem abolir a sensualidade. Uma espécie de movimento estético que trouxe à arte uma nova beleza. De 1860 até à década decadente do reinado da rainha Vitória, que morreu em 1901, esta corrente artística foi desenvolvida numa busca pela arte de viver, expressa na pintura, nas artes decorativas, nas roupas e na literatura.

À descoberta do Porto chegámos de comboio, no mês passado, e atravessamos pontes, em Outubro. Por Maria João Duarte

Exposições, Seminários e Conferências:

A DAMA AFLITA, R. Picasso, nº84, galeria dedicada à promoção e desenvolvimento da Ilustração, do Desenho e dos seus autores: “Planeta Tangerina, 3 ilustradores em cima de um icebergue”, B. Carvalho, Madalena Matoso e Yara Kono (até 22). **ESPAÇO FUNDAÇÃO EDP**, R. Ofélia Diogo da Costa, 39: Paula Rego: “A Caçadora Furtiva”, obras criadas no âmbito do projecto de residências de artistas contemporâneos na National Gallery de Londres.

Música

COLISEU: Vitorino (7), Within Temptation (11), “Eine Kleine Nachtmusik” de Mozart (23), Guano Apes (30), Trovante 35 anos (4 NOV), The Glenn Miller Orchestra (5 NOV), “O Barbeiro de Sevilha” (18). **CASA DA MÚSICA**: Carlos do Carmo & Bernardo Sasseti (7), Orquestra Jazz de Matosinhos & Lee Konitz (13). **HARD CLUB**: Riverside (8), For the Glory (14), The Mission (14), Symphony X + Pagan’s Mind + DGM (15), Nneka (21). **PLANO B**: Proyecto Mirage (8). **PASSOS MANUEL**: Oneida (9). **FNAC St CATARINA**: Lado Esquerdo (21). **PORTO RIO**: Dj Captain Crunch (7)

Teatro

MARIA VAI COM AS OUTRAS: “Silêncio Profundo”, adaptação de “O Homossexual ou a Dificuldade em Expressar-se”, de Copi, encenação de Tó Maia (20 a 31). No último dia de espectáculo (31 às 18h): encontro/debate com o Dr Nuno Carneiro.



À Descoberta do Porto

PONTE D. LUÍS I: Projecto do Eng.º Teófilo Seyrig, discípulo de Eiffel, inaugurada em 1886, é constituída por dois tabuleiros em ferro sobrepostos. Tem 395m de comprimento e 8 de largura. O seu arco em ferro forjado é, ainda hoje, considerado o maior do mundo. Actualmente no tabuleiro superior passa uma das linhas do Metro do Grande Porto. Pilares da Ponte Pênsil. Semelhantes a obeliscos, erguem-se junto à ponte D. Luís I. Com 15 metros de altura e rematados por capitéis dóricos, os pilares em cantaria sustentaram a ponte Pênsil, desactivada em 1887 (const.1843). A estrutura principal da ponte era constituída por 8 cabos de fio de ferro que passavam por janelas abertas nos pilares abaixo dos capitéis, as torres. O tabuleiro tinha um vão de 150m e 6 de largura. No lado do Porto estava instalada a Guarda Militar que deveria zelar pela ordem e regulamento da ponte e que estava encarregada de cobrar as portagens.

E Ainda...

A Zona da Ribeira passa a ser pedonal. “Porto Restaurant Week” (de 14 a 27), semana em que alguns dos restaurantes considerados mais caros se tornarão mais acessíveis ao público (€20 sem bebidas, revertendo €1 para instituições como a AMA e a APCC).

LIVROS

Dois países, duas histórias, dois contextos. Tudo diferente. O mesmo ponto de partida: retratar uma época. Se nunca leu estas obras, não vai arrepender-se. Por Cátia Teixeira



A Vida num Sopro

José Rodrigues dos Santos
Gradiva, 2008

Depois do êxito enquanto jornalista, José Rodrigues dos Santos alcançou sucesso na escrita.

A vida num sopro é talvez uma das suas melhores obras. Um relato muito próximo da realidade de Portugal nos anos 30. Salazar acabara de chegar ao poder e o país começava a ser empurrado para uma vida diferente. Nunca mais seria o mesmo.

Na obra, Luís e Amélia são os fios condutores de uma história que percorre vários anos da ditadura. Através deles, somos levados a viver naquela época. Os contratempores aparecem de todos os lados e o amor que os une terá de desafiar os valores tradicionais de um povo conservador.

Com uma escrita leve, mas extremamente envolvente, o autor obriga-nos a querer terminar o livro no dia em que começámos. Poder-se-á mesmo dizer que, tal como a vida, fazendo jus ao título, esta é uma obra que se lê num sopro.



Orquídeas Negras

Gillian Slovo
Civilização Editora, 2008

Nas críticas a esta obra podem ler-se adjectivos como: "Cativante", "Provocador e original", "Arrebatador e pungente"... E é fácil concordar-se com todos eles e acrescentar outros do mesmo calibre.

A história corre na Inglaterra dos anos 50. Evelyn é uma jovem rebelde que acredita num sonho de luxos e felicidade em Londres, ao casar com o herdeiro de uma família de classe alta.

Mas a realidade acorda-a para um pesadelo e esperam-na momentos difíceis. Por mais que Evelyn deseje o contrário, o país que a recebeu não trata bem as famílias forasteiras cujos membros têm um tom de pele mais escuro...

Um romance "profundo e comovente, uma história sobre o desejo de nos sentirmos bem na nossa própria pele". Uma obra magnífica!



Cristina Salvador

1947 - 2011

Arquitecta

HOMENAGEM

POR ANTÓNIO CABRAL

O casal Fernando Bagulho e Cristina Salvador fundaram o "Atelier do Chiado" em 1976.

O Atelier tem 35 Anos. É competente, é rigoroso, é eticamente irrepreensível. Foi um grande esforço de duas grandes Pessoas. Uma delas acaba de nos deixar.

A Arquitecta Cristina Salvador tinha trabalhado, no início da sua actividade profissional, nos Ateliers dos Arquitectos Manuel Tainha e Chorão Ramalho. Ambos já referências históricas da Arquitectura Portuguesa.

Conheci a Cristina Salvador há mais de 30 anos - metade da sua vida (e eu, dez anos mais velho - injustiça da Morte - aqui estou a fazer este arremedo de obituário). Acompanhei, praticamente a maior parte da sua actividade profissional. Foi uma relação próxima, dada a minha posição de Engenheiro de Estruturas da Betar, colaborador na concepção dos Projectos de Arquitectura do Bagulho e da Cristina (era assim que os tratava, ele pelo apelido, ela pelo nome próprio).

Recordo, muitas sessões e jornadas de trabalho (Atelier e Obra) dos muitos Projectos que fizemos em comum - desde grandes obras a pequenas remodelações. Em todas elas as suas qualidades profissionais se completaram, e não foi por os Projectos serem mais ou menos importantes, que lhes mitigou a capacidade de levar, ao limite, a análise e a decisão de todos os seus detalhes.

Uma das últimas Obras em que eu colaborei, e a que a Cristina esteve muito ligada, ainda não se concretizou. Refiro-me ao Centro

de Saúde do Parque das Nações.

Nas nossas profissões as Obras construídas são os nossos referentes de auto-estima. A Cristina partiu sem mais essa alegria.

Profissionalmente não acompanhei a sua actividade desde que me reformei, a Eng^a Maria do Carmo e o Eng^o José Pedro Venâncio o fizeram, mas soube com alegria a justa atribuição à Cristina, em 2009, do Prémio Fernando Távora. Não será ousado intuir que, para ela, foi muito gratificante.

Fui (sou) amigo dos dois desde o início da nossa colaboração profissional. Encontrei a Cristina, suponho que no Outono passado, no I.P.O.. Eu em tratamentos, ela acabava de receber a notícia (terrível) de uma recidiva. Não a voltei a ver. Fica-me a recordação da sua imagem ainda aparentemente saudável.

A Cristina era natural de Peniche.

Talvez por isso sempre estive muito ligada ao Mar, ao Sol, à Praia, ao Algarve. Penso que todo esse meio natural muito a retemperava.

Além do seu interesse pelo mundo das Artes Plásticas, mais próximo da sua profissão (pintava, mas não divulgava), era uma melómana sempre atenta, sobretudo, a dois segmentos, tão distantes entre si: a Música Antiga e a Música Contemporânea.

A Cristina tinha (tem) duas filhas, a Joana, ligada à música, e a Francisca, ligada ao design, uma neta e um neto. A todos eles e ao Fernando (ao Bagulho), desejo que vivam, se possível intensamente. Penso que Ela não lhes desejaria outra coisa.

Esta secção é um espaço de opinião e, como tal, damos voz aos mais variados temas. Este mês, António Cabral salienta a importância da produção de óperas nacionais.

Uma ópera da minha vida

ANTÓNIO CABRAL



A ópera portuguesa nos sec. XX e XXI

A estreia em 2011 das Óperas “Banksters” de Nuno Corte Real (com libreto de Vasco Graça Moura e baseada numa peça de José Régio) e “A Rainha Louca” (D.Maria I) de Alexandre Delgado (com libreto baseado na peça “O Tempo Feminino” de Miguel Rovisco), ambas de assinalável qualidade, motivaram as notas seguintes sobre a Ópera Portuguesa neste Século e no Anterior.

1 Como se sabe a Ópera é uma das realizações artísticas mais onerosas. Para a levar a bom termo são necessários Cantores, Orquestra, às vezes Bailado e tudo o resto comum ao Teatro (Encenador, Figurinista, Cenarista, Técnico de Luzes, etc) Só é possível a sua efectivação à sombra de um Orçamento de Estado ou de fortes Mecenas. No entanto épocas houve, de grande empatia entre o público e esse género de Teatro, em que foi possível ser realizada por Empresários. No entanto, no Século XX e XXI, praticamente a sua criação tem sido reduzida ao Estado ou aos Mecenas.

2 No Sec. XX português, até ao 25 de Abril, a iniciativa da produção de Óperas pertenceu sempre ao Estado, com uma única excepção, a Fundação Gulbenkian com a “A Trilogia das Barcas” de Joly Braga Santos em 1970.

Dai que no tempo da Ditadura apenas um Compositor, totalmente afecto ideologicamente ao Governo de Salazar – Ruy Coelho (1892/1986) – tenha dominado toda a produção de Ópera entre 1913 e 1973. Estreou nesse período 18 Óperas. Não voltaram a ser interpretadas durante a Democracia. Ficamos sem saber se só foram possíveis dada a sua carga ideológica, ou se, para além disso, tinham qualidade que perdurasse para além da sua circunstância política. Só o tempo nos esclarecerá totalmente.

Para além das Óperas de Ruy Coelho, de 1926 a 1974, foram compostas, unicamente, mais duas, estas da autoria de Joly Braga

Santos, a já citada “Trilogia das Barcas” (Gil Vicente) e “Mérope” (Almeida Garret) esta a única Ópera a ser estreada em S.Carlos.

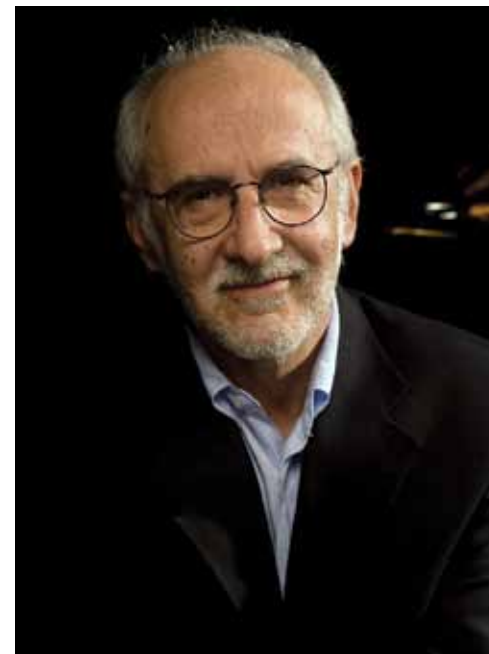
É lícito portanto dizer que o período da Ditadura não nos deu uma Ópera Portuguesa deu-nos, talvez, um compositor de Ópera português.

3 Compostas após Abril de 1974 e até 1986, tivemos mais três Óperas, estas de António Vitorino de Almeida, Alvaro Cassuto e Maria de Lourdes Martins.

Porém, nos últimos vinte anos (de 1990 a 2010), foram apresentadas mais de vintes Óperas de Compositores portugueses. Óperas de duração variável, mas num número totalmente inabitual para a produção portuguesa. E se há nesse grupo Compositores mais velhos como Emanuel Nunes e António Pinho Vargas, a maioria nasceu após 1960, 1970 e mesmo 1980. Cito os que me parecem mais relevantes (além dos dois já referidos no início do texto): Chagas Rosa, Carlos Marecos, João Madureira, Hugo Ribeiro, Vasco Mendonça e Pedro Amaral.

As Óperas foram possíveis dada a existência de antigos e novos Mecenas: Fundação Gulbenkian, CCB, Culturgest, Casa da Música, e eventos relacionados com as Capitais da Cultura no Porto e em Lisboa. E devem também muito à massificação da formação musical que permitiu o aparecimento de compositores, instrumentistas e cantores, formados nas várias Escolas que o 25 de Abril propiciou aparecerem por todo o País.

A maioria dos Compositores que já estrearam Óperas, dada a sua idade, prometem ter, no campo da Ópera (e não só), um largo futuro à sua frente. Teremos, seguramente, no Sec. XXI, uma “Ópera Portuguesa”. Este facto era uma utopia há vinte anos.





Betar

**38 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM OS ARQ. AIRES MATEUS
CENTRO DE ARTES DE SINES**